



**O Eu e o Outro:
a questão imigratória na França pelas imagens do filme Bem-vindo¹**

**Eliane de Oliveira²
Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR**

RESUMO

A partir de algumas situações apresentadas no filme Bem-vindo (Philippe Lioret, França 2009), são analisadas as tensões relacionadas à imigração na França em diferentes aspectos: a atuação do Estado, da ajuda humanitária e do cidadão francês comum. Tradicionalmente vista como país de imigração e asilo político, nos últimos anos a França tem alterado sua política imigratória, no sentido de restringir a permanência de imigrantes no país. Choques entre cidadãos franceses e imigrantes têm ocorrido com frequência e a questão tem recebido destaque em discussões políticas e sociais.

Palavras-chave: identidade, alteridade, imigração, tensão, França

ABSTRACT

From some situations presented in the movie Welcome (Philippe Lioret, France, 2009), the tensions associated with immigration in France are analysed in different aspects: the state action, humanitarian aid and the ordinary French citizen. Traditionally viewed as a country of immigration and political asylum in recent years, France has changed its immigration policy, to restrict the stay of immigrants in the country. Fights among immigrants and French citizens have occurred frequently and this issue has received prominence in political and social discussions.

Keywords: identity, otherness, immigration, tension, France

INTRODUÇÃO

Falar em identidade é embrenhar-se em um terreno arenoso, pois o termo compreende aspectos da psicologia, da antropologia e da comunicação. O conceito pode estar relacionado tanto ao caráter pessoal do sujeito quanto se referir às características de diversos indivíduos que congregam valores, idioma, costumes. Ou seja, é possível falar de identidade tanto no aspecto pessoal quanto no coletivo. Ao longo dos séculos o estudo da formação da identidade trilhou distintos caminhos. Inicialmente, acreditava-se que a identidade era algo inato e imutável, posteriormente, passou-se a acreditar que as características componentes da identidade emergiam no contato social. Atualmente, acredita-se que a identidade não seja algo

¹Trabalho apresentado no Intercom Jr do XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2011. Análise resultante de Trabalho de Conclusão de Curso, orientado pelo Prof. Dr

²Graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo eliane1701@gmail.com



fixo e inato, e sim um processo contínuo e constante realizado na interação do sujeito com o meio social. Ou seja, a construção do ‘eu’ passa pelo ‘outro’.

Para possibilitar a interação do sujeito com o mundo foram sendo criados diferentes suportes e linguagens, cada um com uma maneira específica de captar e reproduzir o mundo. Um deles, porém, segundo Morin (1970), tem não só a capacidade de refletir a realidade, mas de comunicar com o sonho. O cinema constitui-se da síntese das mais diversas manifestações estéticas do homem, como literatura, pintura, música, arquitetura, fotografia, e as utiliza para apresentar ficção e realidade por meio de situações humanas típicas. É um *medium* entre realidade e imaginário, o que significa não apenas comparar e apreender o que já é conhecido, mas também um encontro com o desconhecido, seja diretamente ou por meio de sugestões. O cinema é dialético; o filme tem sua duração específica, mas ele é capaz de conduzir a reflexões que vão além da sala de cinema ou do tempo de duração da película. É sob esta perspectiva que iremos trabalhar, do cinema como meio entre o homem e o mundo, entre sonho e realidade, possibilitante de uma experiência crítica. Desse modo, não apresentaremos uma abordagem histórica, e sim relacional entre homem e suporte.

De acordo com Morin (1970) a peça cinematográfica possui um domínio do tempo (capacidade de ampliar ou reduzir a duração dos acontecimentos, pelo fluxo descontínuo, pelos *flashbacks*), o que permite comunicar com o imaginário e responder a necessidades subjetivas: necessidade de fugirmos de nós próprios, de esquecer os nossos limites, ele dá a possibilidade de realização do que nunca realizaremos, transforma em realidade sonhos e desejos, todavia, é uma fuga que proporciona reencontros. Para ele, ao mesmo tempo em que o filme representa, significa, e coloca em um mesmo nível mental o real e o irreal, o vivido, a recordação e o sonho. Como espelho antropológico o cinema reflete as realidades práticas e imaginárias, ou seja, as carências, as comunicações e os problemas da individualidade humana. A partir de determinadas situações temáticas apresentadas pela obra, torna-se também espaço de reflexão e de ação. Por meio de um filme é possível conhecer situações, realidades, estruturas e processo predominantes em determinada sociedade. O cinema, por sua capacidade de manipulação do tempo, de reconstituição de realidades por meio da arquitetura, figurino, som e imaginário, possibilita não apenas a reprodução do passado e do presente, mas também dialoga com o futuro. O cinema comporta, assim, ficção e realidade, e é cada vez mais tênue a linha que as distingue, seja pelo realismo das construções cinematográficas ou pelo inusitado da realidade.

A experiência do lugar na relação identidade - alteridade

A formação da identidade se dá no encontro com o Outro, na relação do sujeito com o meio, pelo contato com valores, crenças e costumes, transmitidos pela família, escola, comunidade, entre outros grupos sociais e institucionais. Esse encontro, por sua vez,



nem sempre é harmônico e isento de conflitos. O Outro é ameaçador não somente por suas características distintas, mas também, e principalmente, por sua semelhança, pelo que traz em comum e revela do Eu. Martin Buber no livro *Eu e Tu* apresenta sua teoria das palavras-princípio, e sobre a palavra princípio Eu-Tu afirma que é indissociável. O Eu carrega em si o Tu, assim como o contrário. Um é complemento do outro, está contido e contém o outro.

Tamanha proximidade entre o Eu e o Outro resulta em uma dificuldade em se relacionar com o outro, que foi expressa resumidamente por Garcin, personagem da peça *Entre quatro paredes*, de Jean-Paul Sartre. Após a morte ele é encaminhado a uma sala sem janelas, mobiliada com três cadeiras e uma escultura. Em seguida, chegam Inês e Estelle. Fadados a estarem juntos, é pelo outro, pelo que ele expõe e manifesta, que se defrontam com eles mesmos. Por fim, Garcin sentencia: “o inferno... são os Outros”. O quarto de Garcin é o mundo. É o local onde estamos e onde nos defrontamos com o outro e com nós mesmos. Neste encontro, nos deparamos com a diferença entre o que se é o que se acredita ser. Temos uma ideia pré-concebida do que somos e de como é o outro e quando isso não é correspondido há uma tensão e uma falta de conhecimento sobre como agir. Quando esse encontro se dá com uma pessoa de outro país, há fatores adicionais como língua, costumes, crenças, além das diferenças físicas. Bauman (2007) afirma que a presença do imigrante assusta porque ele carrega os traços da instabilidade e questiona a segurança e a estabilidade desejada. Neste sentido, é preciso considerar que todo imigrante é também um emigrante e instabilidade e insegurança são, praticamente, características inerente à sua situação, das quais dificilmente conseguirá se desvencilhar. O imigrante ao chegar em um determinado país depara-se com hábitos e costumes locais e ele, por sua vez, carrega consigo os seus próprios hábitos, valores e costumes. Neste encontro com o “outro” e sua cultura há também uma perda de características constituintes do “eu”. Para Hall (2001) ainda que ter uma nação não seja atributo inerente da humanidade, as culturas nacionais em que nascemos constituem-se em uma das principais fontes identitárias. Mais do que um idioma, muitos de nossos valores, crenças, modo de vestir e pensar, isso sem mencionar influência religiosa, estão intrinsicamente influenciados pelo local de nascimento. Além disso, o local de nascimento, pode ser determinante no estabelecimento da relação com o outro e na definição de si mesmo como imigrante ou estrangeiro:

(...)pode-se dizer que o mundo está dividido em dois: de um lado, um mundo dominante (política e economicamente) que produziria apenas turistas – e todo estrangeiro oriundo desse mundo poderoso, mesmo se residir em país estrangeiro durante toda sua vida, seria tratado com o respeito devido a sua qualidade de “estrangeiro” -; de outro lado, um mundo dominado que só forneceria imigrantes, e todo estrangeiro proveniente desse mundo, mesmo se vier como turista e só permanecer durante o tempo autorizado ou o tempo atribuído aos turistas, é considerado como um imigrante virtual ou um “clandestino” (SAYAD, 1998, p. 244).

Outro aspecto relevante vinculado à procedência refere-se ao fato de ser ocidental ou oriental. Said (2007) aponta que inicialmente os estudos orientalistas foram dominados pela Grã-



Bretanha e pela França, tendo a primeira uma grande presença física e a segunda uma presença do ideal. A partir da Segunda Guerra Mundial o legado Orientalista passou a ser dos Estados Unidos, que o aborda como já fora feito por França e Grã-Bretanha. As regiões das antigas colônias europeias passaram, então, a fazer parte dos interesses dos Estados Unidos e o muçulmano árabe tornou-se cada vez mais visível, principalmente depois das guerras árabe-israelenses, tanto na cultura popular quanto na academia, no mundo dos negócios e das políticas públicas.

Grande parte das informações e dos conhecimentos sobre o islã e o Oriente que foi usada pelas potências para justificar o seu colonialismo provinha da erudição orientalista. [...] Persiste ainda hoje um intercâmbio bastante consistente entre estudiosos da área e departamentos de relações exteriores (SAID, 2007, p. 456).

De acordo com Said (2007) o Ocidental se coloca como capaz de representar o Oriente, ainda que muitas vezes o faça apenas de cadeiras universitárias e de bibliotecas, por entender que o oriental, como inferior, atrasado e incivilizado, não tem condições de representar e conhecer a si mesmo. Cabe, então, ao Ocidental representá-lo não apenas para o Ocidente como para o próprio Oriente. Esse tratamento dado ao Oriente não chega a ser uma novidade. Nesse sentido,

Todos os orientais árabes devem ser adaptados à visão de um tipo oriental construído pelo erudito ocidental, bem como a um encontro específico com o Oriente em que o ocidental torna a captar a essência do Oriente como consequência de seu distanciamento íntimo em relação à região [...] E põe esse discurso em circulação no mundo da cultura, da política e da realidade (SAID, 2007, p. 333)

Assim, para Said (2007), o oriental é constantemente apresentado não como um indivíduo, mas como uma massa. Em livros, estudos, matérias jornalísticas ele não é apresentado como uma pessoa, um indivíduo com características que possam colocá-lo como um ser único, com desejos e frustrações comuns à qualquer outra pessoa. Ele é representado em um bando, uma horda. De certa forma, isso afasta possibilidades de identificação com esse ‘outro’, pois ele não é uma pessoa, é uma coisa. Além de seus costumes e valores serem diferentes, ele é persistentemente representado como inferior, bárbaro, incivilizado.

Nesse sentido, o lugar, seja ele de nascimento, de estudo ou de habitação tem um papel fundamental na construção identitária, que é um processo *continuum*, e toda existência humana está circunscrita a um lugar. O antropólogo francês Marc Augé (1994) aponta que um espaço caracterizado como ‘lugar’ apresenta três características comuns: é identitário, relacional e histórico:

(...) num mesmo lugar podem coexistir elementos distintos e singulares, sem dúvida, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação do lugar comum (...) o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima (AUGÉ, 1994, p. 53).



Ainda em relação ao que define um lugar ele afirma:

(...) o lugar antropológico é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. (...) tantos lugares cuja análise faz sentido, porque foram investidos de sentido, e porque cada novo percurso, cada reiteração trivial, conforta-os e confirma sua necessidade (AUGÉ, 1994, p. 51).

Se o lugar é definido como identitário, relacional e histórico o não lugar é um espaço que não se caracteriza nem como identitário, nem relacional e nem histórico. O não-lugar é um espaço de passagem, de trânsito como aeroportos, rodovias, estações de trem, campos de refugiados, em suma, locais transitórios com os quais não se criam relações identitárias. Nesse sentido, o espaço do não-lugar é também um espaço do não-tempo, pois tempo e espaço são indissociáveis. Embora o não-lugar, assim como o lugar, não exista de uma forma pura, não experimentar o lugar é também perder a noção e a experiência do tempo. Estar nesta situação denominada por Bauman de “transitoriedade congelada” é viver, de certo modo, a suspensão do tempo e, conseqüentemente, da existência. Para Auge (1994) o reencontro da identidade só ocorre no controle da alfândega, no pedágio ou na caixa-registradora, locais onde o imigrante não tem acesso ou não é bem-vindo, e assim o espaço do não-lugar não cria nem identidade singular nem relação, mas sim solidão e similitude.

Ficção

Bem-vindo (Philippe Lioret, França 2009) conta a história de Bilal, um jovem iraquiano de origem curda que está em Calais, na França, tentando chegar à Inglaterra para encontrar sua namorada, Mina, que está prestes a se casar com outra pessoa, um casamento arranjado pela família. Desde a saída do Iraque foram três meses viajando escondido em trens e caminhões, porém a travessia do Canal da Mancha será mais difícil. Além da intensa fiscalização policial, que objetiva impedir imigrantes de atravessarem para a Inglaterra escondidos em caminhões, ele tem que superar os traumas causados por agressões cometidas pelo exército turco. Após uma tentativa frustrada, na qual todos os clandestinos são descobertos porque Bilal não consegue respirar com a cabeça dentro de um saco, o jovem resolve fazer a travessia nadando. É neste ponto que sua história se cruza com a de Simon, um solitário professor de natação, frustrado com o processo de divórcio. Sensibilizado com a luta do jovem para fazer a travessia, Simon decide treiná-lo, inicial e aparentemente para impressionar a ex-mulher, Marion, uma professora que participa de ações para auxiliar os imigrantes, entre as quais a distribuição de sopa no cais do porto.

Já nas primeiras aulas Bilal demonstra não apenas habilidade, mas um grande empenho. Tanta dedicação desperta curiosidade em Simon, que se surpreende ao saber que todo



esforço é para o adolescente reencontrar a namorada. Em uma noite, Simon encontra Marion, casualmente, em um supermercado. Na saída, dois jovens imigrantes são impedidos de entrar. A alegação do segurança é que eles perturbam os clientes. Indignada com a situação, Marion interpela alguns clientes, mas é contida pelo gerente do estabelecimento, e se irrita ainda mais com a passividade de Simon.

No caminho para casa ele encontra os garotos e os leva para seu apartamento. Entre pizza e cerveja, eles conversam e Simon vai se familiarizando com as histórias de Bilal, que além de reencontrar Mina, sonha em ser jogador de futebol no *Manchester United*. No meio da noite, Simon encontra Bilal no banheiro com um saco na cabeça, irritado e surpreso não entende a situação, porém, o jovem explica que a polícia utiliza detectores de gás carbônico para descobrir clandestinos escondidos nos caminhões. É preciso conseguir respirar com a cabeça dentro do saco para não ser descoberto.

Na sequência, Simon tem que ir à delegacia dar explicações à polícia. Sua carona aos jovens curdos não passou despercebida. Por lei os habitantes de Calais são proibidos de auxiliar imigrantes. Assustada com a situação, Marion tenta alertá-lo que um voluntário foi preso por abrigar refugiados. Simon parece não se importar com o que possa lhe acontecer. Após a audiência de separação confessa a ex-mulher que pretende treinar Bilal de maneira mais intensa, e demonstra admiração pela coragem do jovem e por seus motivos. Porém, ajudar imigrantes não é uma tarefa fácil. A vigilância é constante e parece estar em todo lugar. O cais do Porto, local utilizado pelos voluntários para a distribuição de sopa aos refugiados, é conhecido da polícia, que em uma ‘visita’ prende algumas pessoas. Assustados, os que não foram presos se refugiam em uma floresta próxima. É lá que Simon reencontra Bilal e outra vez o leva para sua casa. Preocupado, Simon questiona por que ele não fica na França e aproveita a possibilidade de se tornar um nadador, um bom nadador como o próprio Simon fora na juventude. Ele chegou a ser campeão francês. E, é a falta dessa medalha que origina uma discussão. Simon acusa Bilal. No desentendimento eles saem do apartamento, um vizinho se incomoda e discute com Simon.

Em virtude dessa confusão, a polícia vai ao apartamento para fazer uma revista sob a acusação de que ele abriga clandestinos. Sem encontrar nada, os policiais vão embora, porém, fazem uma advertência – irão voltar. Antes de fechar a porta, após a saída dos policiais, ele olha para o apartamento do vizinho que, provavelmente, fez a denúncia. Ironicamente, os dizeres do tapete da porta do vizinho dão nome ao filme.

Ao entrar no banheiro e perceber a ausência da roupa de natação Simon vai à praia. Sem encontrar Bilal pede ajuda à guarda-costeira. Na identificação do desaparecido dá seu sobrenome a ele na esperança de que isso ajude. Contudo, em uma conversa com Marion é alertado de que as buscas por um imigrante ilegal não receberão muito empenho.

Já na delegacia, é informado de que, após cinco horas, Bilal foi encontrado por um pescador, que teve de retirá-lo do mar à força. É informado, também, que está sob custódia judicial, que será acusado de ajudar pessoas em situação ilegal, e está impedido de deixar a região.



Ao ir novamente ao porto, encontra Bilal na fila da sopa, porém, é aconselhado pelos voluntários a deixar o local para não prejudicá-los. Em outro chamado à delegacia Simon recebe sua medalha e a notícia de que Bilal foi encontrado pela marinha a 800 metros da costa inglesa.

Realidade

No site oficial do filme (<http://www.welcomemovie.com.au/>), é possível encontrar entrevistas que relatam um pouco sobre o processo de produção, as filmagens e a busca pelos atores. Ao saberem da história de um jovem imigrante que havia tentando atravessar para a Inglaterra a nado, Philippe Lioret, autor e diretor, e Emmanuel Courcol, o co-autor, que já haviam trabalhado juntos em outras produções, enxergaram a possibilidade de transformar esta história tão peculiar em um filme. Para se aproximar da realidade dos imigrantes, eles ficaram em Calais por vários dias acompanhando o trabalho dos voluntários, da polícia, enfim, a rotina do local. Procuraram o jovem que iria interpretar o personagem Bilal em diversos países que abrigavam comunidades curdas, entretanto, acabaram por encontrá-lo na própria França. Firat Ayverdi não é um ator profissional, é um jogador de pólo aquático. Assim como ele, a maioria das pessoas que contracenam com Bilal também não são atores profissionais, foram descobertos pela produção enquanto procuravam um jovem que falasse inglês e curdo para dar vida ao personagem. A gravação da maioria das cenas aconteceu nos ambientes reais, inclusive na *jungle* – a área de bosque utilizada pelos imigrantes como abrigo.

Na época de lançamento do filme na França, em março de 2009, houve grande polêmica e a situação dos imigrantes passou a fazer parte das notícias, tanto em jornais nacionais quanto internacionais. Em abril, o Partido Socialista aproveitou a mobilização para propor uma lei que pusesse fim ao delito de solidariedade. Até o momento o projeto não foi votado. Por outro lado, o Código de entrada e permanência de estrangeiros e do direito de asilo (*Code de l'entrée et du séjour des étrangers et du droit d'asile* - CESEDA), tem sofrido outras alterações no sentido de restringir os direitos dos imigrantes e das entidades de assistência. Algumas dessas propostas, reunidas sob o nome de Lei Besson, preveem o alongamento da detenção administrativa, a privação da liberdade sem controle de juiz por até cinco dias, e a criação de áreas de exílio dentro do território europeu.

A região de Calais está envolvida com o abrigo de refugiados indesejados e com a tentativa de impedi-los de chegar à Inglaterra ou permanecerem na França desde 1999, ano de abertura do Campo de Sangatte. Administrado pela Cruz Vermelha, o Campo abrigava refugiados solicitantes de asilo oriundos de diversos países, mas com as constantes tentativas dos imigrantes de chegarem à Inglaterra por meio do Eurotúnel a relação entre os dois países tornou-se tensa. As autoridades inglesas acusavam publicamente, por meio de declarações aos jornais, a França de incompetência na fiscalização. O fechamento do Campo em 2003 parecia um alívio



e a resolução dos problemas, contudo, não impediu que os imigrantes continuassem chegando. Sem um local específico para ficar, eles passaram a se abrigar em cabanas improvisadas em uma área de bosque próxima ao porto, que não por acaso recebeu o nome de *jungle*.

Novamente, a atitude do governo no sentido de resolver o problema causado pelos imigrantes foi fechar o local que servia de abrigo. Em 22 de setembro de 2009, o governo destruiu a *jungle*. Um ano após a ação, tanto o jornal *Le Monde* quanto comunicados emitidos por organizações de ajuda aos imigrantes como a Cimade e a *Secours Catholique* trazem relatos de que a situação não mudou. Os imigrantes vivem dispersos pela cidade, pois grupos numerosos chamam a atenção da polícia, como demonstra a manchete do *Le Monde*: “Em Calais os imigrantes se sentem constantemente perseguidos” (*A Calais, le migrants se sentent toujours traqués*). A tradução de *traqués* dada pelo dicionário Larousse é: perseguição da caça. Mesmo sob pressão policial as ações de ajuda continuam. Eles se reúnem rapidamente para receber alimentos e, em seguida, espalham-se novamente. Esta dispersão prejudica as ações de auxílio, gera certa invisibilidade e a falsa impressão de que a situação se alterou.

O site da associação *L'auberge des migrants*, uma das entidades que atuam na região, traz algumas informações sobre a origem dos imigrantes que também constam nos relatórios da Anistia Internacional e da ACNUR, entre elas está a origem, a maioria está em fuga de regiões de conflito como Afeganistão e Iraque, fala inglês fluentemente e deseja ir à Inglaterra para encontrar amigos ou parentes que poderão acolhê-los. E acrescenta que muitos trabalharam para o exército inglês ou norte-americano em conflitos nos países de origem e acreditam que isso os fará serem acolhidos pelos amigos estrangeiros “*à bras ouverts*”.

Os aparelhos do Estado

De acordo com Max Weber o Estado moderno é constituído por uma administração burocrática e militar, fundamentada numa ordem jurídica, na qual as alterações se dão por normas, o que lhe permite o monopólio do poder sobre todas as pessoas, tanto as que nasceram na comunidade quanto as que estão nos domínios do território. É a concordância com as normas jurídicas que legitima a aplicação do poder pelo Estado. No conjunto de cenas selecionadas que apresentamos a seguir, o Estado se faz presente e atuante por meio da força militar/policial e jurídica.



Fig. 1. Bilal é levado a julgamento

Bilal e outros imigrantes estão escondidos em um caminhão que transporta vasos. Foi seu amigo Koban que intermediou o esquema, que custou 500 euros. Quando o caminhão para no controle aduaneiro eles têm que respirar com a cabeça dentro de sacos plásticos para passar pelo controle de CO₂ (gás emitido no processo de respiração) feito pela polícia. Bilal não consegue e eles são descobertos. Em seguida, são encaminhados a um local, que não apresenta identificação, mas é possível inferir que seja uma espécie de delegacia, onde são fichados, e recebem uma inscrição numérica identificatória na mão direita. Esta inscrição é feita com tinta indelével. Durante o período nazista era dessa forma que os policiais alemães identificavam os judeus nos campos de concentração. Esta tinta não desaparece facilmente, seu processo de dissipação é lento. Em uma outra cena, quando Bilal já está matriculado na academia de natação, ainda é possível perceber a inscrição em sua mão. Na sequência, Bilal é levado a julgamento por entrar ilegalmente em território francês e por tentar atravessar para o Reino Unido. Na cena, é informado pelo juiz que como não tem antecedentes não será preso, porém, é advertido que não conseguirá atravessar para a Inglaterra, e é orientado a retornar ao seu país de origem para evitar problemas graves. Como é proveniente de um país em guerra não pode ser extraditado pela fronteira. Pela Convenção de Genebra, da qual a França é signatária, toda pessoa proveniente de país em guerra tem direito a solicitar asilo e ter seu pedido analisado. No julgamento, Bilal tem um tradutor e uma advogada. Após o pronunciamento do juiz, a advogada, no cumprimento de seu dever, alega que Bilal é menor e se qualifica para solicitar uma vaga em escola pública, porém, é contestada pelo juiz de que esse não é o lugar dele, que não devem perder mais tempo com este caso e o réu seguinte é chamado.

Para Bauman (2007) os estadistas da “União Européia” têm empregado a maior parte de seu tempo e inteligência planejando formas cada vez mais sofisticadas de fortificar as fronteiras e procedimentos mais eficazes para se livrarem das pessoas que, apesar de tudo, conseguiram atravessá-las. Neste sentido, a Anistia Internacional, por meio de seu Relatório Anual, ratifica a afirmação de Bauman ao relatar que centenas de imigrantes e de



requerentes de asilo, inclusive menores desacompanhados, foram expulsos à força de moradias improvisadas em Calais e que o ministro da Imigração havia declarado a disponibilidade de 20 milhões de euros para a construção de um centro de retenção de imigrantes.

A política adotada pelo governo francês corporifica a afirmação de Weber de que o Estado, como detentor da força jurídica e policial, dispõe da legislação para legitimar suas ações de dominação sobre a população. A questão imigratória tem sido deslocada do âmbito político para o administrativo, e tem sido tratada como uma questão exclusivamente de interesse interno. A imigração tem sido revestida de características seletivas, vinculadas a especificações profissionais e de origem. A imigração aceitável é aquela classificada pelo governo como contribuinte para o desenvolvimento econômico, científico e cultural da França. A hospitalidade ou o cerramento das fronteiras é seletivo. O Estado outorga-se o direito de recusar o imigrante julgado inconveniente ou prejudicial.

Para criar um clima propício a esta situação, o imigrante é apresentado como causador de problemas sociais como desemprego, aumento de índices de violência, crise da previdência, em suma, um fardo para as finanças públicas, com as quais ele não contribui. Porém, a contribuição que ele dá como trabalhador, cuja mão-de-obra é mais barata que a nacional, e como consumidor, é esquecida. Criada uma situação de instabilidade e insegurança, cria-se também um ambiente de vigilância constante, focado no imigrante, em que o cidadão é convidado a colaborar por meio da delação de pessoas e atividades “suspeitas”. Ele passa a ser um posto avançado do Estado.

Embora o Estado democrático de direito precise respeitar algumas prerrogativas, entre elas o direito de defesa, isso é garantido apenas para legitimar o processo. Na cena do julgamento de Bilal há um tradutor e uma advogada, itens indispensáveis uma vez que ele está sob acusação e não fala francês, porém, não há o menor interesse em realmente defendê-lo e garantir seus direitos, não é um julgamento em que as partes são equilibradas. É uma encenação.

A ajuda humanitária

Se compete ao Estado garantir os direitos do cidadão, ou seja, daquele que goza de direitos civis e políticos porque nasceu naquela delimitação territorial, compete às organizações de ajuda humanitária garantir os direitos humanos, isto é, proteção à integridade do sujeito, aos desafortunados que insistem em cruzar as fronteiras. A realização desta tarefa, entretanto, é dificultada pelo Estado. Detentor do poder burocrático e material ele atua em frentes distintas, embora complementares. A atitude apresentada por Marion é a representação das dificuldades e da limitação da ajuda oferecida por pessoas e organizações humanitárias. Ao criar leis que proíbem e punem esta ajuda o Estado trabalha no sentido de impedir que elas



aconteçam, e usa o efetivo policial para reprimir as atividades.

As mudanças propostas na lei de imigração têm sido justificadas como necessárias à adequação das diretivas europeias, porém, as organizações de ajuda humanitária denunciam que isso é apenas um pretexto e afirmam que as alterações vão além das constantes no texto europeu, e apresentadas com o mote de simplificar acabam por mascarar uma complicação legislativa e uma perda de direitos.

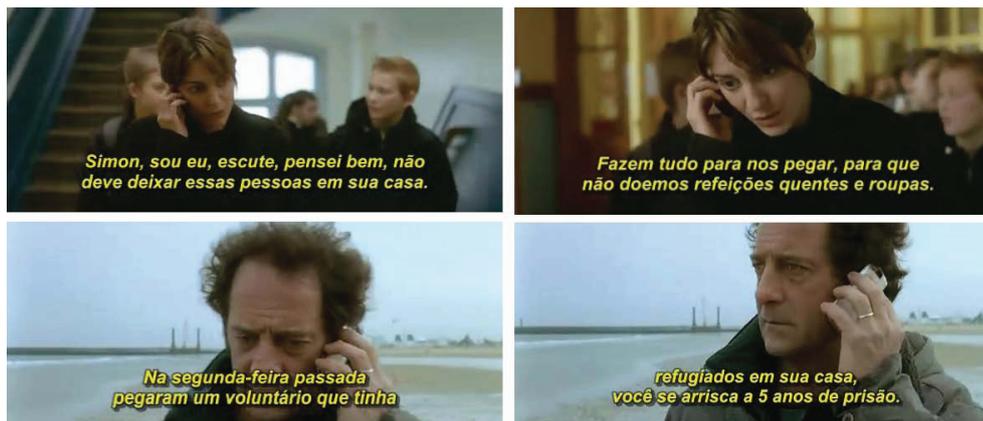


Fig. 2. Marion pede a Simon que para de ajudar Bilal

Marion vai até a casa de Simon para buscar uns livros e vê que ele está hospedando Bilal e Koban. Ela diz que ele poderá ter problemas por fazer isso. Ele afirma que o único problema que tem é ela. Ao ser questionado sobre porque os recolheu ele fala que sentiu pena pois os dois estavam congelando na rua. Simon está na praia com Bilal e recebe uma ligação de Marion, que demonstra preocupação ao saber que ele continua ajudando os imigrantes curdos. Pede para que ele não os leve mais para casa porque a polícia vigia todo mundo e tenta impedi-los de doar roupas e alimentos. Conta que um voluntário foi preso e que os juizes não amenizam para este tipo de situação e insiste para que Simon pare. Diz ainda que não sabe o que ele queria provar recolhendo os imigrantes, que foi uma atitude muito generosa, mas que deve parar. As palavras de Marion simbolizam a atmosfera de insegurança vivida por aqueles que auxiliam os imigrantes, e apresenta um outro aspecto: o Estado, por meio de seus aparelhos, põe em vigor leis que proíbem e punem a solidariedade e a consolida pela vigilância. Além disso, seu poder de atuação é de tal modo reconhecido que, muitas vezes, a presença física já não é mais necessária - a vigilância constante transfigurou-se em autovigilância.

O ideal de alteridade

Representantes de diferentes culturas Simon e Bilal simbolizam o ideal de que a alteridade é possível, de que o ‘encontro’ com o outro não precisa ser necessariamente um



‘choque’. Cada um tem sua própria história de vida, permeada por anseios e medos, mas que em dado momento se interconecta. A alteridade não elimina as diferenças, permite conhecê-las sem emitir julgamentos e classificações.

Para Dominique Wolton (2004) os aspectos culturais podem tanto cumprir um papel para a integração quanto se tornar um fator de bloqueio. A questão passa a ser, então, identificar a partir de que momento eles deixam de integrar e passam a contribuir em sentido contrário, fomentando desentendimentos e conflitos. Neste contexto, em que a redução das distâncias físicas tem demonstrado a extensão das distâncias culturais, em que a globalização atua tanto como fator de homogeneização quanto de diferenciação, a comunicação, como caminho entre o eu e o outro, entre o nacional e o global, depara-se com um desafio. De acordo com Wolton (2004):

O desafio da comunicação não é a gestão das semelhanças, mas a gestão das diferenças. A comunicação é organizar a coabitação entre os pontos de vista culturais, sociais e filosóficos diversos (...) Quanto mais rápidas as mensagens e eficazes as ferramentas, mais é preciso tempo, ao contrário, para entender-se, tolerar-se apesar das diferenças, e conseguir coabitar. É nisso que o horizonte da comunicação é exatamente o mesmo da democracia: organizar a coabitação pacífica de pontos de vista contraditórios (WOLTON, 2004, p. 17).

É a partir da comunicação que o relacionamento com o outro é possível. Nesta relação ambivalente entre o eu e o outro, neste contato em que desejo e medo coexistem lado a lado, a comunicação pode atuar no sentido de amenizar essas tensões quando se coloca como meio para conhecer o outro.

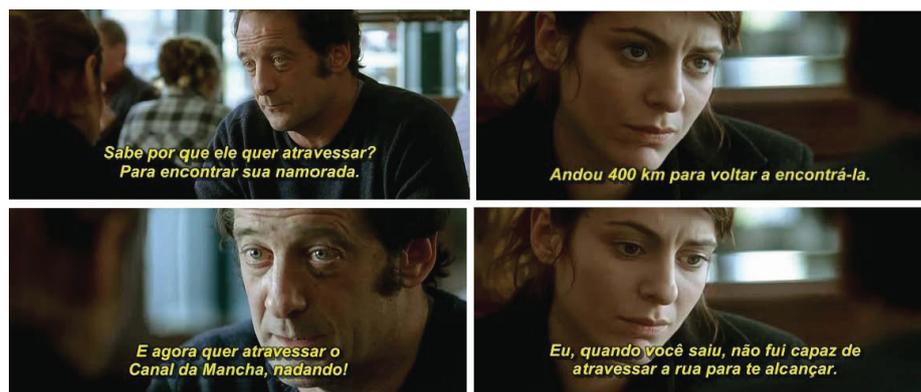


Fig. 3. Simon demonstra admiração por Bilal

Após a audiência de separação Simon e Marion estão em um café e ela pergunta sobre os curdos. Simon responde que continuam treinando, que vão aumentar o ritmo no verão e que ele pretende treinar outros imigrantes para atravessarem. Ela diz que é loucura e ele explica que Bilal deseja atravessar para encontrar a namorada. Na cena é possível identificar



uma quebra no conceito de orientalismo apresentado por Said porque o oriental não é visto como inferior. Nesta situação ele é admirável, seu feito é admirável e provoca até certa inveja. Simon admira a coragem do jovem e o esforço para alcançar o que deseja – a jovem amada. Ele, ao contrário, não teve coragem de atravessar a rua para lutar pelo amor de Marion, algo bem mais simples do que andar 4000 km e atravessar o Canal da Mancha nadando, em fevereiro, inverno no Hemisfério Norte. Aqui, encontramos também o que Edgar Morin (1981) define como ideal de identificação-projeção. Para Morin (1981) na projeção há uma libertação psíquica, uma expulsão para fora de si daquilo que fermenta no interior obscuro de si. Na projeção funciona também certa identificação, favorecida por diferentes fatores:

É preciso haver condições de verossimilhança e de veracidade que assegurem a comunicação com a realidade vivida, que as personagens participem por algum lado da humanidade quotidiana, mas é preciso também que o imaginário se eleve alguns degraus acima da vida quotidiana (MORIN, 1981 p. 82).

Esses fatores são encontrados na relação entre Simon e Bilal. Edgar Morin (1981) explica que as obras de arte universais são aquelas que detêm originalmente, ou que acumulam em si, possibilidades infinitas de projeção-identificação. Vida real e imaginário se inter-relacionam no movimento de identificação-projeção. Para ele o imaginário é: a estrutura antagonista e complementar daquilo que chamamos real, e sem a qual, sem dúvida, não haveria o real para o homem, ou antes, não haveria realidade humana (MORIN, 1981, p. 80).

Morin (1981) afirma ainda que o amor, por sua própria natureza, é a grande faixa oscilatória entre o imaginário e o real. Bem-vindo apresenta esse sistema de projeção-identificação entre os personagens Simon e Bilal e ao mesmo tempo possibilita a recriação deste sistema identificação-projeção entre personagem e espectador, pois seus personagens vivem em nós assim como nós vivemos neles. O imigrante oriental que chega a Calais e enxerga a realização de seu sonho além-mar é igual ao brasileiro ou ao mexicano que enxerga a felicidade para além do deserto que separa a vida real do eldorado nos Estados Unidos. Bilal é um jovem que não mede esforços para viver um amor e sonha ser jogador de futebol em um grande clube, como muitos jovens brasileiros. Marion é uma professora que se comove com a situação dos imigrantes e tenta auxiliá-los desde que isso não a comprometa. Sua solidariedade apazigua mais a si do que aos que recebem sua ajuda. Simon é uma pessoa comum, cujo único interesse era reconquistar a ex-mulher, e tenta fazer isso a impressionando ao ajudar o jovem imigrante. Sua ajuda não é fruto de altruísmo e generosidade. Ele tomou uma atitude sem pensar, e quando percebeu já estava envolvido. Identificar-se e admirar o Outro, constantemente visto como inferior, é reconhecer nele a humanidade requerida para si.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atentados de 11 de setembro de 2001 não só colocaram um fim à greve de acontecimentos como aponta Jean Baudrillard como também deram maior visibilidade à questão imigratória, que não é recente, porém, tem recebido cada vez mais atenção nas discussões políticas e espaço nos noticiários internacionais.

Em diversos países a tensão direcionada ao imigrante foi intensificada e expandida após os atentados. O espectro de suspeitos em potencial foi aumentado, bem como a fiscalização e tem-se buscado legitimar as ações policiais alterando a legislação e justificando a medida como necessária à estabilidade e à segurança nacional. No âmbito político a questão imigratória é abordada sob o aspecto da ameaça que o imigrante representa à ordem nacional: ele é vinculado ao aumento da violência, dos índices de desemprego, aos altos custos sociais, por isso, é necessário impedir que ele entre no país, ou que ali se estabeleça. Nos noticiários internacionais o espaço dado à questão, de maneira geral, resume-se a apresentar as cenas de protesto, de enfrentamento com a polícia local e as precárias condições em que vivem os imigrantes.

Observar esta situação em um país como a França, onde se travaram lutas em defesa dos direitos do homem, tradicionalmente um país de refúgio e de asilo, que se orgulha de ser o berço dos princípios modernos de liberdade, igualdade e fraternidade, historicamente defensor dos direitos humanos, é sintomático não apenas em relação ao tratamento com o outro, mas, principalmente, no que se refere a seus próprios valores e fundamenta sua cultura. A postura oficial do governo, ao adotar medidas no sentido de incentivar uma imigração seletiva, expulsar imigrantes ou construir centros de exílio supraterritoriais em solo europeu, apenas para citar algumas, são novos exemplos de antigas medidas que tendem a uma categorização e, conseqüentemente, hierarquização do ser humano. O Outro é reduzido ao uso que é feito dele, torna-se assim um produto que pode ser recusado, devolvido, trocado, descartado conforme a conveniência. Perde o Tu e passa a ser um Isso, conforme aponta Buber (1977). Porém, construir uma relação com o Outro implica construir uma relação consigo mesmo. Flusser afirma que quando encontro o outro encontro-me face ao diferente de mim, ao estranho, ao estrangeiro, ao inimigo. “Encontro-me”, isto é: identifico-me face ao outro. Torno-me sujeito (FLUSSER *apud* BAITELLO JUNIOR, 2010, p. 45). Tornar-se sujeito é superar a determinação biológica e converter-se em humano, e isso se dá pelo Outro.

Bem-vindo, ao relatar essas tensões, promove aquilo que Morin (1970) define como a função da arte: intensificar o poder afetivo da imagem, ou melhor, intensificar o poder afetivo do real através da imagem. O filme, pelas características próprias de uma peça cinematográfica, por trazer em sua produção uma condição e uma necessidade de reprodução, como aponta Walter Benjamin, amplia o espectro de visibilidade de uma situação real, que muitas vezes não é percebida. Em uma época que privilegia a visualidade, tornar-se visível é, praticamente, condição para a existência.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Augé, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994. 7ed. 2008.

Baitello Jr, Norval. *A serpente, a maçã e o holograma: esboços para uma teoria da mídia*. São Paulo: Paulus, 2010.

Bauman, Zigmunt. *Tempos líquidos*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Buber, Martin. *Eu e tu*. Trad. Newton Aquiles von Zuben. São Paulo: Cortez&Moraes, 1977.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. 103 p.

Morin, Edgar. *O cinema ou o homem imaginário*. Trad. António Pedro Vasconcelos. Lisboa: Moraes Editores, 1970.

_____. *Cultura de massas no século XX: o espírito do tempo*. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Forense universitária, 1981.

Said, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Sayad, Abdelmalek. *A imigração ou os paradoxos da alteridade*. Trad. Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

Sartre, Jean-Paul. *Entre quatro paredes*. Trad. Guilherme de Almeida. Abris S.A. São Paulo, 1977.

WELCOME. Diretor: Philippe Lioret. França: Imovision, 2009. DVD (155 min), color, língua original: francês.

<<http://www.welcomemovie.com.au>> vários acessos.

< <http://www.laubergedesmigrants.fr/>> vários acessos.

< <http://www.cimade.org/>> vários acessos.

< <http://www.secours-catholique.org/>> vários acessos.